

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

RACISMO INSTITUCIONAL

Danielle Pereira Araújo, Luana Coelho, Sebijan Fejzula, Silvia Rodríguez Maeso

A pandemia de COVID-19 tem agravado as condições de desigualdade já existentes nas sociedades, evidenciando dinâmicas racistas sistematicamente negadas. A (im)possibilidade de visibilizar essas condições decorre dos efeitos do próprio racismo, que se manifestam na difusão de ideias tais como a de que “o vírus não vê cor, é um equalizador”.

Nos contextos português e espanhol, a negação do racismo ficou patente seja pela não produção de dados étnico-raciais, seja pela legitimação de tratamento diferenciado no acesso a serviços básicos ou ainda pelo aumento da vigilância do corpo racializado, pois além de *perigoso*, agora também é *contagioso*. O anticiganismo, a islamofobia e a antinegitude criam “permanentes estados de exceção”, que normalizam e justificam as violências das estratégias de segurança antes, durante, e após a pandemia. Em Portugal, o Bairro das Pedreiras – um gueto construído para realojar famílias ciganas em Beja – tem sido alvo de algumas notícias que salientam a vulnerabilidade dessas famílias à infecção por COVID-19, uma vez que vivem em condições habitacionais extremamente precárias. Uma das medidas implementadas para controlar o cumprimento do confinamento foi a presença das forças de segurança nas zonas de acesso ao bairro.

Publicações nos *media* e nas redes sociais têm mantido a dinâmica de reprodução de imaginários racistas. No contexto espanhol, no mês de março de 2020, circularam boatos nas redes sociais sobre a população cigana da cidade de Haro, assegurando que “os ciganos estavam a fazer o que queriam sem que a polícia os pudesse controlar”. Determinados jornais publicaram notícias focadas no “incumprimento”

das medidas de confinamento em bairros sociais, desumanizando a população cigana.

As políticas de emergência criadas pelos Estados com foco nos migrantes e ciganos, ilustram como os governos enxergam e tratam as populações racializadas. A pandemia tem revelado que há uma sobrerrepresentação de pessoas racializadas em trabalhos precarizados, como no setor de serviços domésticos. Com a perda desses empregos e a exigência de vários condicionantes para acederem a apoios sociais, essas pessoas são deixadas à própria sorte – o que produz mais precariedade e revitimização.

Frente a precariedade da assistência oferecida pelo Estado, as organizações antirracistas e associações de base em diversas cidades portuguesas e espanholas têm mobilizado as suas redes de solidariedade para dar apoio às famílias negras e ciganas e denunciar a falácia do “vírus democrático” bem como a negação de direitos básicos pelos Estados nacionais de uma Europa antinegra e anticigana.

No contexto espanhol, as associações antirracistas têm visibilizado o aumento do número de denúncias por violência policial desde que se decretou o estado de alarme, disseminando uma contranarrativa: este aumento não é meramente circunstancial, mas evidencia que historicamente os corpos das pessoas racializadas são tratados permanentemente como ameaça ao Estado democrático.

Enquanto as pessoas brancas desejam “voltar à normalidade” depois da pandemia, os grupos racializados tensionam o significado dessa “normalidade”.